



O Jornalismo de Proximidade e a Cobertura de Ações de Mobilização Social: um Retrato Midiático da Epidemia de Dengue em Marília¹

Ana Maria Dantas de MAIO²
Victor Dantas de Maio MARTINEZ³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

O jornalismo de proximidade é um conceito que atribui características a uma prática profissional que conjuga as ideias de espaço geográfico e de temas de interesse de uma determinada coletividade. O tratamento midiático inclui a concessão de voz e espaço aos atores locais. Este artigo retoma o conceito e o enquadra na discussão sobre as posturas editoriais dos jornais Diário e Jornal da Manhã, ambos de Marília, cidade do interior paulista, durante a cobertura da epidemia de dengue vivenciada localmente nos primeiros meses de 2015. Conclui que, em parte, os dois veículos se encaixam na perspectiva do jornalismo de proximidade, porém, um deles abre mais espaço para a divulgação de iniciativas que envolvem a mobilização social.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de proximidade; mobilização social; cidadania; dengue; Marília.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é investigar como o jornalismo de proximidade se manifesta em duas publicações situadas em uma cidade do interior de São Paulo. Ao avaliar a atuação dos jornais Diário e Jornal da Manhã, do município de Marília (SP), durante a cobertura da epidemia de dengue registrada nos primeiros meses de 2015 na cidade, este estudo busca contribuir para o entendimento das práticas do jornal local, que diferem sobremaneira do olhar da grande imprensa.

O jornalismo de proximidade exprime características próprias, que ultrapassam a questão territorial – embora ela ainda se imponha como razão de ser no *fazer jornalístico* em cidades do interior. Essa identificação da localidade com o espaço geográfico se deve, em parte, à força da convivência cotidiana entre indivíduos, ao sentido de pertencimento a uma

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e jornalista da Embrapa Pantanal, email: anamaio@uol.com.br

³ Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual Paulista, email: victor7dantas@hotmail.com



comunidade e a um processo de construção de sentidos vivenciado pela mídia local e seus interlocutores. Assim como jornais da grande imprensa, as mídias locais exercem o controle dos espaços abertos aos cidadãos, estimulando ou restringindo a mobilização social por meio das linhas editoriais adotadas. Essas condutas constituem o *corpus* de pesquisa deste artigo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Ao traçar uma análise comparativa das linhas editoriais seguidas pelos dois jornais mais tradicionais e antigos de Marília, o Diário e o Jornal da Manhã, este estudo acompanha a cobertura da epidemia atípica de dengue registrada no início de 2015, principalmente em relação a quatro circunstâncias que envolvem ações de mobilização social. Essas linhas são enquadradas dentro das teorias que delimitam o jornalismo de proximidade, passando pela conceituação da questão local.

A análise contempla a versão digital das duas publicações durante o período de seis semanas, começando em 20 de fevereiro de 2015 e finalizando em 3 de abril de 2015. O período foi selecionado por compreender a fase aguda da epidemia, que acabou outorgando aos cidadãos e a algumas instituições sociais a organização de ações de solidariedade, cobrança e protesto. Nos sistemas de buscas dos dois sites foi digitada a palavra “dengue”, que resultou em um *corpus* de 177 textos (79 no Diário e 98 no JM), sendo que todas as matérias continham o vocábulo pesquisado.

Após a leitura de todos os títulos, alguns temas considerados periféricos para esse estudo foram descartados, como matérias que tratavam do afastamento de jogadores de futebol e de basquete de suas atividades esportivas em função da doença e textos que abordavam dados nacionais sobre a dengue. Situações envolvendo mobilizações sociais foram identificadas e as reportagens completas foram estudadas à luz das teorias citadas acima, contempladas por meio de pesquisa bibliográfica.

3. AS MOBILIZAÇÕES NOS JORNAIS LOCAIS

Marília é uma cidade com aproximadamente 230 mil habitantes⁴, localizada na região oeste do Estado de São Paulo, a 430 km da capital. Sua economia é baseada na prestação de serviços (destaque para instituições de ensino superior) e na produção industrial,

⁴ Dados estimados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2014.



principalmente das áreas alimentícia e metalúrgica. O jornalismo é uma prática tradicional que acompanha a história da cidade: o primeiro impresso já existia no momento em que o município foi instituído. Pelo menos três rádios também fazem parte da história da cidade: a Clube, fundada em 1936, a Vera Cruz (hoje Rádio 950) e a Rádio Dirceu.

Hoje Marília conta com quatro jornais diários - Diário, Jornal da Manhã, Correio Mariliense e O Dia; são três rádios comerciais AMs (Clube, Dirceu e 950) e três FMs (Itaipu, Diário e Jovem Pan). Alguns sites começam a se consolidar na cobertura do noticiário local: Visão Notícias, Giro Marília e Marília Notícia.

O Diário foi fundado em 1º de maio de 1928, um ano antes da criação do município de Marília⁵. Sua linha editorial oscila entre mais crítica ou mais amena (em relação à administração municipal), de acordo com os atores que ocupam a direção do poder público e a do próprio jornal. Mudanças de proprietários do veículo nos últimos vinte anos acentuam esse comportamento pendular. Nos últimos três anos a linha editorial tem sido bastante favorável à prefeitura e ao poder legislativo. Hoje, o Diário está sob o controle de Sandra Mara Gorbiato e tem tiragem aproximada de 18 mil exemplares durante a semana e 20 mil aos finais de semana (informação verbal)⁶. O editor-chefe é o jornalista Wellington Menon. É o impresso de maior tiragem em Marília, e uma característica particular é a sua qualidade de impressão gráfica, que recebeu investimentos significativos no início da década de 1990.

O Jornal da Manhã foi fundado em 1981 e pertence à família D'Ávila. O editor-chefe responsável pela publicação é, atualmente, o jornalista Jocelin Machado de Oliveira. Sua linha editorial também é variável. Na atualidade, o impresso tem adotado posição bastante crítica em relação ao poder público municipal. A tiragem é de 5 mil exemplares durante a semana, podendo chegar a 6 mil aos finais de semana, dependendo da edição (informação verbal)⁷.

Durante a cobertura da mais grave epidemia de dengue já registrada na cidade – e no Estado de São Paulo –, há uma mudança expressiva de posicionamento das mídias após uma reunião realizada no gabinete do prefeito Vinícius Camarinha (PSB) no dia 2 de março de 2015, com a participação de diretores de hospitais e de representantes das secretarias de Saúde do município e do Estado. Até então, havia uma divulgação quase diária da escalada dos números de casos notificados e de mortes em função da doença. Os veículos consideravam

⁵ Na verdade, o jornal fundado nesta data, o Correio de Marília, foi incorporado ao Diário, mais recente, em um processo de fusão ocorrido em 1992.

⁶ Dados passados por telefone pelo editor-chefe no dia 6 de abril de 2015. Uma reportagem publicada no próprio veículo cerca de um ano antes informava a tiragem de 13 mil exemplares. Disponível em: <http://www.diariodemarilia.com.br/noticia/131009/novos-projetos-e-mudancas-no-impresso-marcam-86-anos-do-diario-de-marilia>. Acesso em: 6 abr. 2015.

⁷ Informação obtida por telefone com o editor-chefe no dia 6 de abril de 2015.



como morte por dengue a inclusão desta informação no atestado de óbito, ainda que associada a outras complicações. Chegaram a computar 11 mortes até as vésperas da citada reunião.

Depois desse encontro, as coberturas jornalísticas mudam. O Diário passa a admitir apenas quatro óbitos confirmados, utilizando dados da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. O Jornal da Manhã começa a trabalhar com duas informações estatísticas: a oficial, oferecida pelo Estado, e aquelas comprovadas pelos atestados de óbito. Ao final do período avaliado neste estudo, seriam 6 mortes oficiais e 18 atestadas pelos documentos registrados em cartórios civis.

A pauta da reunião é completamente divergente, de acordo com os dois jornais. Segundo o Diário, o objetivo foi discutir o atendimento prestado aos pacientes dos hospitais e pela rede pública de saúde. O Jornal da Manhã traz, no dia 3 de março, a seguinte manchete: “Prefeitura pede silêncio a hospitais sobre as mortes e casos de dengue”. A celeuma em torno da divulgação do número de casos pode ter sido contida no jornal Diário, mas persiste no Jornal da Manhã, nos diálogos face a face nas ruas e, principalmente, nas redes sociais.

A descrição acima contextualiza o período da análise comparativa empreendida por esta investigação. Nas seis semanas avaliadas, quatro pontos se destacam em relação às ações de cidadania noticiadas pelos veículos: uma campanha de doação sanguínea promovida pelo Hemocentro de Marília; o projeto Cidade Limpa, iniciativa da TV Tem (afiliada da Rede Globo) em parceria com a prefeitura; uma manifestação popular na Câmara Municipal ocorrida no dia 23 de fevereiro; e o pedido de instauração de uma Comissão Processante para investigar possível omissão do prefeito no combate à epidemia.

3.1 Campanha de doação sanguínea

As semelhanças e diferenças entre as abordagens dos dois impressos se mostram bem nítidas nesses quatro itens. No caso da campanha de doação de sangue, o Jornal da Manhã publica, no dia 6 de março, uma matéria informando que o estoque de plaquetas do Hemocentro de Marília estava zerado, devido à epidemia de dengue. Com ela, mais pacientes passaram a necessitar de transfusões e pessoas que contraíram a doença não poderiam doar sangue. A notícia relata também que o hemocentro realizou contato com doadores, e, a fim de melhorar a adesão, iria promover ações especiais no Dia Internacional da Mulher (08/03) e no dia seguinte, com entrega de brindes para os voluntários. A matéria se encerra com dados sobre funcionamento do hemocentro e condições para doação.



O Diário, por sua vez, segue a mesma linha de apoio ao hemocentro, explicando as dificuldades de arrecadação sofridas. No site, a matéria (publicada no dia 8 de março) contém uma foto de um doador com a legenda: “Colaboração - Gerente farmacêutico Afonso França esteve no Hemocentro motivado por uma ação de cidadania”. O Diário, porém, não menciona as ações especiais, que teriam ocorrido no dia da publicação da matéria.

Além dessas notícias, ambos os jornais publicam uma matéria da assessoria de imprensa da prefeitura sobre um ato de solidariedade promovido pelo Tiro de Guerra, vinculado à administração municipal, no qual cerca de cem atiradores doariam sangue em socorro ao hemocentro.

3.2 Projeto “Cidade Limpa”

Em relação ao segundo ponto, o projeto “Cidade Limpa”, as publicação dos dois jornais tomam posições semelhantes. A iniciativa é da TV Tem, em parceira com a prefeitura, e deveria passar recolhendo lixo e materiais descartados em toda a cidade com o objetivo de anular possíveis focos de procriação do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da doença. O Jornal da Manhã divulga três matérias sobre o assunto: uma no último dia previsto para ações do projeto (27 de fevereiro), ressaltando a insatisfação da população em decorrência da desorganização do mutirão - entulho foi deixado para trás em várias regiões da cidade; outra no dia 11 de março, ainda servindo como voz para o povo e noticiando reclamações devido a falhas na limpeza; e a última no dia 12 de março, matéria que continha entrevistas com moradores que temiam a proliferação de mosquitos da dengue nos inservíveis separados para recolhimento do “Cidade Limpa”, que estavam separados nas ruas havia dez dias. Todas as matérias trazem comentários de um ou mais moradores de bairros afetados.

Já o Diário publica oito matérias sobre o “Cidade Limpa”. A primeira, do dia 24 de fevereiro, da assessoria da prefeitura, enaltece o recolhimento “recorde” de potenciais criadouros do mosquito. A matéria se inicia com: “O prefeito de Marília, Vinícius Camarinha, deu início na manhã desta segunda-feira (23) aos trabalhos da operação Cidade Limpa”. A segunda matéria (04/03), com entrevistas, traz um alerta da população para o entulho que foi deixado para trás. Ao final dela, há um parágrafo destinado a uma resposta da prefeitura. Com exceção da matéria de 13 de março, todas as cinco notícias posteriores trazem o parágrafo final destinado a uma retratação da prefeitura - a visão “do outro lado” da notícia, medida não adotada pelo Jornal da Manhã.



A terceira publicação dentro do tema, de 5 de março, é a última na qual o Diário parece focar no aspecto positivo da iniciativa. Ela divulga o rescaldo que o projeto faria em razão da insuficiência na execução do “Cidade Limpa” em seu período inicial. A partir daí, todas as matérias seguintes (dias 10, 11, 13, 14 e 17 de março) são de reclamações de moradores devido ao entulho deixado em algum bairro específico - eis o ponto, então, em que o Diário assume postura semelhante à do Jornal da Manhã e cede espaço para o pronunciamento da população.

3.3 Protesto na Câmara

A manifestação popular do dia 23 de fevereiro na Câmara Municipal foi arquitetada através das redes sociais, por parte da população mariliense inconformada com a forma como a epidemia se instalou na cidade, com a finalidade de protestar contra a ação da administração municipal no combate à dengue. É a terceira situação de expressão da cidadania sob cobertura jornalística a ser abordada neste trabalho, e propicia um contraste muito evidente entre as abordagens dos impressos analisados. Cada veículo publica um texto em relação ao episódio – uma notícia no Diário e um editorial no Jornal da Manhã. A notícia, divulgada no dia 24 de fevereiro, recebeu o título “Em sessão tumultuada, vereadores aprovam sete projetos de lei”. O caráter assumido pela publicação torna-se bem definido a partir da leitura da linha-fina e da legenda na foto; respectivamente, “Cerca de 30 pessoas, a maioria ligada ao ex-prefeito Mário Bulgareli, promoveram uma algazarra que atrasou a sessão”, e “Tumulto – Manifestação atrasou o início da sessão na Câmara por cerca de dez minutos; processos conclusos e matérias incluídas após aprovação de requerimento verbal”.

A fotografia exhibe um plano fechado da galeria da Câmara Municipal, no qual aparecem ao menos 25 cidadãos participando da sessão, dando a entender que o número de manifestantes era próximo de 30 (como indica a linha-fina). No entanto, nas redes sociais – ambiente no qual o protesto foi originalmente organizado – marilienses indicavam que o número de protestantes - inclusos os que estavam dentro e fora da Câmara – poderia chegar a 100. Além disso, fotos e vídeos de outros veículos comprovam que, na realidade, havia mais de 30 pessoas presentes⁸, e evidenciam que o espaço da Câmara Municipal de Marília aberto à

⁸ O site Giro Marília fala em “aproximadamente cem [pessoas]”, e inclui fotos e um vídeo que indicam a presença de mais de 30 manifestantes na sessão e em frente ao prédio da Câmara. Disponível em: <http://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-marilia/protesto-contradengue-pede-acoescritica-show-e-ganha-tribuna-na-camara/1449>. Acesso em: 5 abr. 2015. Já o site Marília Notícia sugere “cerca de 80 pessoas”, contando com fotos e outro vídeo que fornecem dimensões mais próximas da



população é maior do que o Diário exhibe na imagem. O viés assumido pelo Diário sugere que, tendo em vista as abordagens realizadas pelo impresso, era intento do veículo caracterizar o protesto popular como “baderna” (a própria palavra “algazarra” foi utilizada), atribuindo um enfoque negativo ao ocorrido.

O Jornal da Manhã, por outro lado, assume uma postura diferente em seu editorial intitulado “Câmara de saia justa!”. O texto adota um enfoque mais positivo sobre a manifestação. Ela se inicia com o período: “A mobilização popular é muito importante e tem demonstrado que quando o povo vai às ruas a saia fica justa para os políticos, aqueles que sempre prometem muito e fazem pouco”. A abordagem do Jornal da Manhã imprime legitimidade à ação popular, inclusive incentiva a participação do povo em manifestações futuras. Outro segmento que expressa tal posicionamento é: “As faixas e os brados de protestos na Câmara Municipal demonstraram a insatisfação da população em relação à atuação da Prefeitura e do Legislativo. Alguns vereadores perderam a compostura na discussão com populares”. A matéria se encerra com a frase: “Não se descartam novas manifestações e protestos!”.

Por fim, se houve intenção do Diário de culpabilizar a oposição pelo quê “baderneiro” do protesto (a linha-fina ressalta que a maioria dos participantes estava ligada ao ex-prefeito), o Jornal da Manhã assume uma postura mais ofensiva contra o atual prefeito. Isso se evidencia em: “Verdades ecoaram pelo plenário da Câmara deixando os vereadores encolhidos e pressionados, já que a maioria é a bancada aliada do prefeito Vinicius Camarinha”.

3.4 Comissão processante

O último episódio de cidadania noticiado pelos dois veículos no contexto da epidemia de dengue e dentro do período estudado está ligado ao pedido de instauração de uma Comissão Processante (CP) para investigar possível omissão do prefeito no combate à doença, feito no dia 4 de março. A requisição foi protocolada na Câmara por Antonio Vieira, um servidor público estadual, exercendo um direito como cidadão mariliense. No caso da CP, as publicações do Jornal da Manhã e as do Diário também se mostram bastante distintas. Enquanto o Diário publica três notícias sobre o caso em questão, o Jornal da Manhã veicula três matérias, sendo uma notícia e dois editoriais – o que já serve como indício para entender que a abordagem dos dois seria diferente, afinal, o editorial é um gênero jornalístico



opinativo, enquanto a notícia é, em tese, predominantemente informativa. Em suma, se por um lado o Jornal da Manhã faz questão de opinar, o Diário trata todo o conteúdo publicado como noticioso, dentro da suposta “imparcialidade” do jornalismo.

Outras divergências se apresentam no conteúdo dos textos. A notícia do Jornal da Manhã, de 5 de março, apresenta dados sobre a instalação da CP, e grande parte das informações é advinda de uma entrevista com o próprio Antonio Vieira. O editorial do dia seguinte, intitulado “Câmara vai investigar?” indaga justamente se o legislativo investigaria o quanto o prefeito Vinícius Camarinha tem cumprido suas responsabilidades, e ressalta que dificilmente a CP seria aprovada devido ao “poder” que o prefeito exerce sobre os vereadores. A última matéria, publicada no dia 11 de março, começa da seguinte maneira: “Na última sexta-feira, o editorial do Jornal da Manhã indagava no título: ‘Câmara vai investigar?’ e havia uma pergunta ao final se a bancada aliada do prefeito iria roer a corda”. E continua, mais à frente no texto: “[...] esses vereadores não querem investigar absolutamente nada, preferindo deixar como está, sem apurar responsabilidades, simplesmente ignorando a pior epidemia de dengue de todos os tempos na cidade [...]”. Todo o editorial fala da votação que rejeitou o pedido de instalação da CP (por 10 votos a 3), e o caráter opinativo é realmente marcante na abordagem do Jornal da Manhã. É relevante notar que não foram localizadas notícias (que são, teoricamente, mais informativas e menos opinativas) sobre o episódio na Câmara na versão digital do jornal.

Já o Diário publica, como primeira matéria relacionada ao caso, uma notícia da assessoria de imprensa da prefeitura, no dia 5 de março, intitulada: “Prefeito classifica como politicagem e inoportuno o pedido de abertura de CP na Câmara”, que traz a linha-fina “A ação foi protocolada por um militante político da oposição”. No corpo da notícia, o nome de Antonio Vieira não aparece, e o morador é tratado como “oposição ao governo municipal na Câmara”. O texto traz falas do prefeito que buscam descaracterizar a legitimidade da CP.

A segunda notícia do Diário, do dia 10 de março, já é sobre o arquivamento da abertura da CP (a votação se deu em 9 de março), e nela o nome de Antonio aparece. Por último, a terceira notícia – publicada na edição seguinte, em 11 de março – encerra o assunto sobre a Comissão Processante com um título que sugere apoio do impresso à prefeitura: “Oposição utilizou pedido de CP para fazer politicagem, dizem vereadores”, com o uso da ordem inversa das orações. No corpo da matéria, há entrevistas com três dos dez vereadores que votaram contra a CP, sustentando a posição contrária à instalação desta.



Um fato interessante que chama a atenção é que, nessa notícia, o Diário relata que 70 marilienses acompanharam a sessão ordinária na qual a CP foi votada, enquanto insiste em afirmar que apenas 30 estavam presentes na Câmara no dia 23 de março, em que houve o já mencionado protesto popular, organizado e articulado através de redes sociais em um evento no *Facebook* - ao qual aproximadamente 44 mil pessoas foram convidadas e quase 7 mil haviam confirmado presença⁹.

4. JORNALISMO DE PROXIMIDADE: TEORIA E PRÁTICA

Antes de problematizar o conceito de jornalismo de proximidade, cabe introduzir uma breve discussão a respeito da noção de local¹⁰. As contribuições de Peruzzo (2002, p. 53) sobre mídia comunitária e mídia local permitem caracterizar o local como

um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar, que lhe diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes.

É neste contexto que atuam as chamadas mídias locais. As redações promovem a cobertura de um espaço determinado, geralmente “excluído” ou pouco explorado pela grande imprensa. Os assuntos tratados nos grandes meios costumam ter sua repercussão local ou regional veiculada na localidade. A mesma autora acrescenta como características da mídia local a gestão do tipo burocrático tradicional, a exploração do local como nicho de mercado, a produção do jornalismo por especialistas contratados, o controle dos espaços abertos aos cidadãos, entre outras (PERUZZO, 2002, p. 60-61).

Embora tenha sido superada a ideia de local atrelada a um território, há quem defenda que a localização estabelece uma relevante inter-relação entre a mídia e seu conteúdo. “Nesta ligação conceptual entre a sua localização territorial e a territorialização dos seus conteúdos que a imprensa regional e local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e sua força” (CAMPONEZ, 2002, p. 110). O autor é um dos responsáveis pela retomada do conceito de jornalismo de proximidade, desvinculado da aproximação geográfica ou territorial, mas associado à questão da identidade. Peruzzo complementa essa ideia, resgatando a noção de

⁹ Informação obtida no site Giro Marília. Disponível em: <http://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-marilia/protesto-contradengue-pede-aco-es-critica-show-e-ganha-tribuna-na-camara/1449>. Acesso em: 6 abr. 2015.

¹⁰ A presente discussão sobre a questão local e o conceito de jornalismo de proximidade foi publicada anteriormente em Maio (2014).



um novo tipo de território. “Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais [...] e de proximidade de interesses [...] são tão importantes quanto as de base física” (PERUZZO, 2005, p. 74).

Assim, os jornais estudados se configuram como locais não apenas por focarem suas coberturas no território do município e redondezas, como também por tratarem de assuntos comuns aos habitantes vinculados àquela realidade sócio-histórico-cultural. O *fazer jornalístico* contempla, a partir de sua rotina, as duas dimensões de proximidade concebidas por Fernandes (2004, p. 6-7):

A primeira, a temática, supre a necessidade de grupos que buscam trocar informações, têm afinidades por temas os mais diversos e expectativas em comum [...]. A segunda, a geográfica, diz respeito à proximidade espacial, que está inserida de modo direto na convivência cotidiana das pessoas, gerando um grau de interação e afetividade ainda maiores.

Nos jornais avaliados, a abordagem geográfica da proximidade contempla a cobertura jornalística local, enquanto a dimensão temática tem potencial para despertar interesses além do espaço físico delimitado. A epidemia de dengue mobilizou a comunidade, assustada com a velocidade com que a doença se espalhou, com a falta de estrutura para atendimento e com o desencontro de informações divulgadas pela mídia local. Desta forma, o tema “dengue” surge como elemento aglutinador do interesse social - seja da própria mídia, do poder público ou da população.

Ao estudar o localismo em jornais do interior, Dornelles (2010, p. 238) observa que “é determinante o papel que a geografia desempenha na definição de informação local”. Para a autora,

essa ancoragem da imprensa local sobre o território/conteúdo, que estamos salientando, parece evidenciar que a imprensa local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e a sua força entre a sua localização territorial e a territorialização dos seus conteúdos. (DORNELLES, 2010, p. 239).

Observa-se que a proximidade geográfica proporciona o engajamento e a construção de identidades comuns, assumindo a condição de facilitadora desse processo. Há, no entanto, uma característica do jornalismo de proximidade que o diferencia de outras práticas jornalísticas: a forma distintiva de posicionar-se perante os acontecimentos. Para Camponez (2012, p. 43, grifos nossos),

impõe-se reconhecer que o jornalismo de proximidade surge intimamente ligado a questões epistemológicas e éticas, que não é possível iludir, relacionadas, nomeadamente, com o estatuto da verdade e da objetividade no jornalismo, com a importância da proximidade como *uma forma diferente de olhar o mundo*, ou com *a função social das notícias*.

Essa “forma diferente de olhar o mundo” está intrinsecamente ligada ao sujeito da comunicação, no caso, o jornalista, às suas condições de trabalho e à postura editorial do veículo que representa. “A cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos, inter-relacionados, interferem diretamente na elaboração das mensagens que serão levadas até o público” (COSTA, 2005, p. 110). Ou seja, o repertório e as convicções do profissional não podem ser menosprezados, bem como o ambiente de trabalho que, em cidades do interior, difere bastante das redações de grandes jornais das capitais. Essa distinção se dá principalmente em termos de tamanho, estrutura, remuneração e relações sociais na redação¹¹.

A cobertura de distintas situações de mobilização social pelos jornais Diário e Jornal da Manhã evidencia diferenças significativas no trabalho dos jornalistas e nas linhas editoriais – ora convergentes, ora antagônicas – nos momentos em que tratam das iniciativas de cidadãos. Ao divulgarem a campanha de doação de sangue e o rescaldo do projeto Cidade Limpa, os dois veículos assumem a defesa dos moradores, concedendo-lhes espaço e voz para estimular as doações e reclamar do acúmulo de material deixado nas ruas do município. Nessas ocasiões, a função social da notícia parece falar mais alto e avaliza o interesse comum dos cidadãos e dos jornais.

O mesmo não acontece na cobertura do protesto na Câmara e da votação da Comissão Processante, quando os dois veículos tomam posições opostas em relação aos movimentos sociais. Enquanto o Jornal da Manhã adota viés favorável aos manifestantes e contrária à prefeitura, o Diário critica os participantes da mobilização, associando-os à oposição e acusando-os de fazer algazarra e tumultuar a sessão legislativa.

Essa postura editorial afasta o veículo dos interesses defendidos pela população – ao menos pela parte mobilizada, que se agrupa por meio das redes sociais e busca apoio do Poder Legislativo para apurar responsabilidades pela epidemia. Não se discute aqui exatamente a

¹¹ A teoria do *Newsmaking* dá conta de explicar essas inter-relações entre o fazer jornalístico e o conteúdo das notícias. Não é foco deste artigo aprofundar a discussão sobre essa teoria da comunicação. Para mais informações sobre essa e outras abordagens, cf. Martino (2009).



atitude editorial de defesa ou crítica ao prefeito e aos vereadores, mas a conduta adotada pelos veículos em relação à legitimidade dos movimentos sociais. O Diário resiste a qualquer possibilidade de diálogo com as lideranças envolvidas no protesto e no pedido de instalação da Comissão Processante: o tratamento editorial envolve descaso e até desrespeito aos manifestantes, postura incompatível com *a forma diferente de ver o mundo* e com *a função social da notícia* previstas no jornalismo de proximidade.

Soma-se a essas especificidades o conjunto de títulos de reportagens do Diário favoráveis à forma como a administração municipal conduz as ações de combate à epidemia e as correspondentes chamadas críticas do Jornal da Manhã em relação ao mesmo tema. O leitor que tiver acesso a apenas um dos veículos construirá um repertório, no mínimo, enviesado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como os dois jornais articulam a cobertura da epidemia de dengue em Marília demonstra, em parte, a prática do jornalismo de proximidade. A análise revela o envolvimento/engajamento dos veículos com a situação narrada, postura coerente com os princípios de quem vivencia a experiência. O próprio volume de textos produzidos no período condiz com um olhar editorial cuidadoso: é preciso dedicar espaço e atenção a esse fenômeno jornalístico.

Por meio dessa perspectiva, tanto o Diário como o Jornal da Manhã expressam suas maneiras de ver o mundo, que são diferentes em comparação com veículos de comunicação não próximos. Embora a epidemia em Marília, em função de sua gravidade, tenha sido noticiada em jornais da grande imprensa, esse nível de cobertura dos veículos locais – detalhado, engajado e ininterrupto – caracteriza o jornalismo de proximidade na medida em que introduz na esfera pública local o debate sobre um tema de interesse coletivo.

Por outro lado, a função social das notícias é uma questão que merece ser discutida, especialmente nos casos da manifestação contra o prefeito e do pedido de abertura da comissão processante. Se a perspectiva de análise é o desenvolvimento da cidadania e dos movimentos sociais, nota-se que o Jornal da Manhã pratica um jornalismo que busca apoiar esse tipo de iniciativa, enquanto a cobertura do Diário atua no sentido oposto, como se tentasse desarticular e questionar a legitimidade dos atores sociais envolvidos. Nos dois casos, torna-se difícil desvincular a função social das notícias (e do jornalismo opinativo) de seu viés político.



De qualquer modo, é possível identificar traços do jornalismo de proximidade nas duas publicações e um maior engajamento político do Jornal da Manhã nos processos de mobilização social nascidos de forma espontânea no âmbito da comunidade investigada. A dimensão geográfica preconizada por Fernandes (2004) aparece contemplada pelos dois jornais; já a abordagem temática, que deveria suprir a necessidade de grupos que buscam trocar informações, parece comprometida no Diário. Este impresso, ao menos nos itens aqui estudados, opta por ignorar ou até atacar verbalmente as vozes da população mobilizada.

REFERÊNCIAS

CAMPONEZ, C. Territórios de proximidade. In: CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Minerva, 2002. p. 107-129.

_____. Jornalismo regional: proximidade e distâncias: linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA, J. C. (Org.). **Ágora - Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades**. Covilhã: LabCom, 2012. p. 35-47. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20121224-agora_ebook.pdf. Acesso em: 3 abr. 2015.

COSTA, L. M. P. O newsmaking na imprensa do interior: a rotina produtiva do jornal A Voz do Vale do Paraíba. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 43, p. 105-120, 2005.

DORNELLES, B. O localismo nos jornais do interior. **Famecos**, Porto Alegre, n. 17, p. 237-243, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8191/5880>. Acesso em: 30 nov. 2013.

FERNANDES, M. L. A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL - REGIOM, 9., 2004, Araçatuba. **Anais...** Araçatuba: Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação; Faculdades Integradas Toledo, 2004. Disponível em: <https://tccunibrasil.files.wordpress.com/2010/06/a-forca-da-noticia-local.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2015.

MAIO, A. M. D. O vínculo do jornalista com o ambiente expresso em um jornal local: uma análise de discurso envolvendo o Pantanal brasileiro. **Observatorio (OBS*) Journal**, Lisboa, v. 8, n. 4, p. 55-70, 2014.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PERUZZO, C. M. K. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. **Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional**, São Bernardo do Campo, n. 6, p. 51-78, 2002



X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

UNESP | FAAC | Bauru-SP | 22-24 de abril de 2015

_____. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendência. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 43, p. 67-84, 2005.